

A DESNATURALIZAÇÃO DO OLHAR A PARTIR DAS PAISAGENS DO ENTORNO

Aline Grazielle Lang

Resumo: O presente artigo tem por finalidade pensar a experiência educativa possibilitada através do curso de licenciatura em Artes Visuais. Este projeto teve como temática principal a Paisagem e suas representações. Onde buscou-se articular a arte adentrando o ambiente escolar e visando a desnaturalização do olhar, possibilitando outras formas de percepção dos estudantes às paisagens que encontram em seu cotidiano, rompendo condicionamentos e apresentando outras modos de observá-las.

Palavras-Chave: paisagem, desnaturalização, educação.

Abstract: This article has for purpose think the educational experience possible through the “degree” course in Visual Arts. This project had as main the me the landscape and its representations. In which we attempted to articulate the art entering the school environment and with a view to denaturalization look, allowing other forms of perception of students to the landscapes they find on their daily life, breaking conditioning and showing other ways to observe them.

Keywords: landscape, denaturalization, education.

“Qualquer vida é muito dentro da floresta”

Se a gente olha de cima, parece tudo parado. Mas por dentro é diferente. A floresta está em movimento. Há uma vida dentro dela que se transforma sem parar. Vem o vento. Vem a chuva. Caem as folhas. E nascem novas folhas. Das flores nascem os frutos. E os frutos são alimento. Os pássaros deixam cair as sementes. Das sementes nascem novas árvores. E vem a noite. Vem a lua. E vêm as sombras que multiplicam as árvores. As luzes dos vagalumes são estrelas na terra. E com o sol vem o dia. Esquenta a mata. Ilumina as flores. Tudo tem cor e movimento. (Chacom, 2004, p. 10)

Neste artigo apresentarei um relato de experiência educativa no âmbito das Artes Visuais. A realização deste projeto se deu em cinco encontros, ocorridos semanalmente, na Escola Estadual de Ensino Básico Professora Margarida Lopes, na cidade de Santa Maria, RS. Em uma turma de 7^a ano do ensino fundamental, com aproximadamente 22 estudantes, de idades entre 12 a 14 anos.

A partir deste gênero clássico das *belas artes*—a paisagem, busquei subsídios e articulações para trabalhar com a temática explorando questões que se fazem presentes

cotidianamente no cenário dos estudantes e estimulando outras percepções e relações com seu entorno propondo uma *desnaturalização do olhar*.

A proposta desenvolvida no âmbito das Artes Visuais teve como foco uma experiência em educação com um “outro” olhar sobre as paisagens que nos circundam. O conceito de *paisagem* é pensado a partir de Anne Cauquelin (2007, p. 29), que salienta que “‘paisagem’ se constitui como um conjunto de valores ordenados em uma visão e preexiste a nossa consciência, ela nos é dada anterior a toda cultura”. Nos fala ainda da paisagem como “intermédio de uma conversação infinita, veículo de emoções cotidianas, invólucro de nossos humores”. Dos quais nos desperta “Sentimentos tanto mais poderosos quanto a memória subjetiva ligada às impressões da infância, á língua que falamos e ao contexto em que aprendemos a decifrar o mundo faz causa comum para objetivar a percepção”. Cauquelin (2007, p.29) ressalta ainda a grande dificuldade que possuímos de transpor nossas aprendizagens, pois de certa maneira sempre retornamos ao “jardim perfeito, ao rio, ao oceano, a montanha”, ou seja, as paisagens em seus modelos tradicionais, com base nisso, é que proponho essa *desnaturalização do olhar*, termo recorrente na linguagem e na prática fotográfica, e que Mendes Neto e Oliveira (2015, p.9) definem como “o ato de despir-se de visões estereotipadas e conceitos pré-formados, na tentativa de realizar um entendimento mais abrangente do mundo”.

Entre tantas possibilidades, a desnaturalização do olhar as paisagens.

Em meio a muitas incógnitas, pensando em de que modo e quais problematizações seriam interessantes de agenciar no âmbito educacional através de ações pedagógicas é que se deu a escolha da temática. Tendo em vista vários temas de interesse e qual seria a relevância ao âmbito das Artes Visuais, a escolha se deu partindo de experiências próprias, de modo a continuar as pesquisas que vinham sendo desenvolvidas plasticamente em minha trajetória do ateliê de Pintura, nas disciplinas de Orientado I, II, III e IV. Neste processo de formação acadêmica onde a pesquisa em pintura foi desenvolvida, foram realizados trabalhos com referência a temática da paisagem, onde buscava representar lugares por onde passava, aqueles dos quais recordavam-me momentos e instantes de minha vida. Pois compreendo paisagem, como aquilo que podemos ver e sentir através de nossos sentidos e que vai de encontro com as subjetividades de cada indivíduo e o meio em que está inserido. Assim como diz

Cauquellin (2007, p.103) “A percepção da paisagem é uma ‘evidência’, uma injunção implícita [...]. Ela esta dada, apresentada aos sentidos, como uma fruição, um repouso”.

A partir de conversas e reflexões tidas com o orientador do ateliê de pintura iniciei um processo de problematização a respeito do que estava sendo produzido, de modo a perceber o quanto os elementos tradicionais das paisagens desenhadas e tidas como “certas” na infância estavam arraigadas, impregnadas em minhas representações, não conseguindo me desprender, desgarrar deles, cito como exemplo as colorações de azuis dos céus bem como das vegetações com predominância dos verdes, e ainda árvores com troncos e folhagens geralmente representadas igualmente.



Figura 1: Fotografia da pintura realizada por mim no Orientado I. Sem Título – óleo sobre tela – 2014/A
Foto: Acervo pessoal

Assim iniciei um processo de *desnaturalização do olhar*, que me propiciou uma reflexão do olhar e me encaminhou ao conceito de *desaprender*, não no sentido de apagar o que foi aprendido, mas de questioná-lo, de perceber de outras maneiras, dessa forma, tomo como referência Adriana Fresquet, que ressalta,

Desaprender, para alguns, poderia querer dizer aprender novas coisas ou – roubando da física – aprender na mesma direção, mas com sentido contrário[...] Desaprender é algo mais que aprender coisas opostas sobre um mesmo tema, assunto, valor, questão da vida. Desaprender pode até indicar erradamente, a ideia de esquecer o aprendido. Porém, o seu significado e intenção é exatamente o contrário. Tal é a força da irreversibilidade “lembrar” as coisas aprendidas que querem ser desaprendidas. Desaprender é aprender a não querê-las mais para si; a não outorgar-lhes mais o estatuto de verdade, de sentido ou de interesse [...] Desaprender é animar-se a questionar tais verdades. Desaprender é também, fazer o esforço de conscientizar todo o vivido na contramão, evocando o impacto histórico e emocional que teve aquela aprendizagem que hoje deseja ser modificada. (Fresquet, 2007, p. 49).

Dessa maneira o intuito de minhas problematizações em relação aos elementos constituintes de minhas representações de paisagens, era justamente desnaturalizar, desaprender o que estava arraigado, não mais as tomando como “verdades”, mas como objetos de questionamentos, de problematizações, de modo que pudesse construir outras percepções em relação às paisagens que me circundam.

Este exercício de problematizar, dialogando com o que Garlet, Cardonetti e Oliveira (2014) definem a partir de Foucault, “aprofunda o olhar”, pois “a problematização, diferente da interrogação, exige de nós um distanciamento, necessário para que haja uma desnaturalização, uma desconstrução de noções como verdadeiro/falso, certo/errado, bonito/feio. Esse distanciamento nos permite repensar o que é normativo, questionar de onde surgiu”. Ao tomar as paisagens como materialidade para estudo, passei a novamente a rever o modo como a representava, fazendo exercícios de observação, construção e desconstrução das paisagens, problematizando estas questões e conceituando seus diferentes modos de representação. Isso me fez enxergar “novos horizontes”, percebendo outras maneiras de representar, tornando as composições mais interessantes, como salientava meu orientador.



Figura 2: Fotografia da pintura realizada por mim no Orientado IV. Sem Título – óleo sobre tela – 2015/B
Foto: Acervo pessoal

Neste momento o universo de possibilidades tomou maiores proporções, fazendo-me observar as paisagens mais atentamente e perceber sua diversidade de cores, formas e movimentos, e deixando que atravessamentos, transbordamentos ocorressem, mobilizando minhas percepções e o modo em que as apreciava. Tendo em vista estas dificuldades de se desaprender e de desaprender as paisagens tradicionais, encontrei motivação para buscar e pesquisar, problematizando com um maior público e

possibilitando a desnaturalização do olhar que Mendes Neto e Oliveira nos dizem que podemos entender como,

o rompimento com tudo aquilo que estamos de alguma forma pré-dispostos a pensar ou perceber. Ou seja, é o ato de despir-se de visões estereotipadas e conceitos pré-formados, na tentativa de realizar um entendimento mais abrangente do mundo, interpelando diferentes ângulos, enxergando diferentes contextos (MendesNeto e Oliveira, 2015, p. 9).

Desse modo este projeto objetivou estimular outras formas de percepção dos estudantes às paisagens que encontram em seu cotidiano, rompendo condicionamentos e apresentando outras possibilidades de enxergá-las. Com base nisso a problemática instituída foi: De que modo o estudo da paisagem e suas representações podem possibilitar aos estudantes, a problematização, a desconstrução de estereótipos e a desnaturalização do olhar em relação ao seu entorno? Partindo do pressuposto de que na infância as representações da paisagem se constroem com elementos estereotipados, condicionados, nos quais se pode observar em algumas experiências.

Sobre o projeto e seus desdobramentos

Com base nestes tangenciamentos, atravessamentos e interpelações, que busquei problematizar com os estudantes nesta experiência educativa.

Durante os encontros os estudantes foram questionados sobre o que entendiam acerca do conceito de paisagem e suas modalidades e a maneira como costumam representá-las. No primeiro encontro que sucedeu cada estudante respondeu ao questionamento: O que você entende por paisagem? As respostas foram as seguintes: "é tudo aquilo que podemos ver", "são as montanhas, as árvores, o céu", "pode ser as casas, as plantações", "é o que a gente pode ver quando olha para fora da janela".

Dando prosseguimento ao projeto, desenvolvi com os estudantes a segunda atividade de forma mais dinâmica, onde apresentava elementos constituintes de uma paisagem, como céu, montanhas, árvores, construções, pedras, e os estudantes teriam que me dizer quais as características que lhes vinham à mente, com isso, eu, juntamente com os estudantes, construímos um esquema no quadro negro, para posteriormente problematizá-lo, desnaturalizar o que havia sido dito produzindo aberturas no olhar. Esta dinâmica tinha como objetivo perceber, se de fato, os estudantes carregavam consigo mentalmente, as representações e características de paisagens tradicionais. O

que notou-se, no decorrer desta atividade, foi que os discentes ressaltaram outras características além das utilizadas no “senso comum”, mas afirmaram que em suas representações, em sua maioria, não as utilizavam, pois com os céus azuis, as nuvens brancas, as árvores verdes e circulares, seus trabalhos tornavam-se esteticamente mais “bonitos” e “realistas”.



Figura 3: imagens do primeiro encontro realizado com os estudantes do 7º ano onde foram questionados sobre o entenda por paisagem. Fonte: Arquivo Pessoal.



Figura 4: imagens do esquema construído no quadro negro a partir das informações dadas pelos estudantes. Fonte: Arquivo Pessoal.

Com a utilização de visualidades, foram apresentadas, diferentes concepções de paisagem, como urbana, rural, cultural, imaginária, isso através de imagens fotográficas e de obras de artistas com as mais diversas representações. Dessa maneira, buscou-se apresentar aos estudantes, algumas representações de paisagens feitas por artistas no decorrer da história da arte, ampliando as possibilidades e ressaltando que as paisagens não necessitam apenas serem representadas em um caráter realista.

Procurei promover reflexões acompanhadas de processos do desenvolvimento de pensamentos críticos e práticas do olhar diferenciadas e instáveis. Neste sentido Kastrup (2005) nos coloca ao encontro de “novas formas de conhecer” e com isso aprender, relacionando estudos a fim de buscar entender diferentes transformações presentes na sociedade, bem como nas paisagens que nos circundam e seus modos de representação na história da arte.



Figura 5: imagens com algumas das visualidades apresentadas aos estudantes contendo as diferentes concepções de paisagem. Fonte: Arquivo Pessoal.

Contudo, foi proposto aos estudantes que produzissem suas próprias narrativas realizadas a partir de equipamentos fotográficos, dos quais percorreriam o ambiente escolar registrando as paisagens circundantes, que posteriormente seriam utilizadas em outra atividade, onde seriam estimulados a desconstruir as paisagens registradas, acrescentando elementos dos quais não costumam utilizar em suas narrativas. De modo que, finalizando este projeto, eu e os estudantes pudéssemos refletir e problematizar, pois como ressalva Mendes Neto e Oliveira (2015, p.6) “A reflexão, então, é primordial para a criatividade”, o que estas atividades de desconstrução e desnaturalização lhes proporcionaram, e se de fato conseguiu-se estimular outros modos de percepção as paisagens.

Infelizmente o projeto não conseguiu ser finalizado devido a paralisações dos professores da rede pública estadual de ensino, dos quais possuíam diversas reivindicações, que vinham ocorrendo há meses. Desta maneira foi possível à concretização de apenas cinco encontros, sendo estes potencialmente ricos e de um imenso aprendizado, acredito que recíproco.

Ainda que não seja possível afirmar definitivamente que pontos positivos ou negativos se destaquem, a problematização sobre a desnaturalização, o desaprender as paisagens em seus modelos tradicionais, se faz relevante, sendo alvo de discussões, pelo fato de poder tomar como ponto de partida o contexto, o entorno dos estudantes, e ainda sendo este tema recorrente na História da Arte. Ficou evidenciado o envolvimento dos estudantes quando questionados sobre as peculiaridades do tema. Quando incentivados a compor suas próprias narrativas, foi possível perceber composições plásticas carregadas de subjetividades.

Segundo Neves (2008, p. 21) “A paisagem é um recorte, é uma seleção de parte da realidade posta *a priori* ao olhar do artista ou de qualquer observador, é um olhar especializado sobre a realidade física que cobre e envolve o planeta. Faz parte do mundo. Nasce da cultura”. E assim concluo, ressaltando que a paisagem é tema propulsor para agregar práticas educativas mobilizadoras e produzir outras formas de ver e sentir o entorno, mas afirmo o quanto é necessário essa desnaturalização do olhar para que seja possível ampliar essas percepções.

Considerações Finais

Como vimos às paisagens estão presentes em nossas memórias e vivências desde o momento em que nascemos e muito antes das definições de seu conceito. Como Cauquelin (2007, p. 39). elucida, “A paisagem participa da eternidade da natureza, um constante existir, antes do homem e sem dúvida depois dele”. Suas noções acompanham a existência humana lá nos primórdios, precisamente pelo fato de que os seres humanos dependiam de suas relações com o meio em que viviam para sua sobrevivência.

Retomando a problemática, de que modo o estudo da paisagem e suas representações podem possibilitar aos estudantes, a problematização, a desconstrução de estereótipos e a desnaturalização do olhar em relação ao seu entorno? Posso dizer que busquei tangenciar estas questões dando suporte aos estudantes para problematizarem o espaço escolar, sua cidade, as paisagens que os circundam e o modo com que as representam, possibilitando e estimulando a desnaturalização do olhar, de modo a romper com o que estamos pré-dispostos a representar, e despindo-se de visões estereotipadas, condicionada, tentando um maior entendimento de mundo e outras percepções de nosso entorno, interpelando diferentes contextos.

Partindo do pressuposto de que na infância as representações da paisagem se constroem com elementos estereotipados, condicionados, nos quais se pode observar em algumas experiências, buscamos subsídios e articulações para trabalhar com a temática explorando questões que se fazem presentes cotidianamente no cenário dos estudantes. Isso se deu através de problematizações, tangenciamentos, visando outras formas de percepção dos estudantes as paisagens que encontram em seu cotidiano.

Referências:

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**; tradução Marcos Marcionillo. – São Paulo: Martins, 2007 – Coleção todas as Artes.

CHACOM, Alex Peirano. **TICUNA: Pinturas da Floresta**/ trad. Liv Sovik. Centro Cultural Banco do Brasil - RJ: 2004. p.10.

FESQUET, Adriana Mabel. **Imagens do desaprender – uma experiência de aprender com o cinema**: Rio de Janeiro, Booklink, 2007.

GARLET, Francieli Regina, CARDONETTI, VivienKelling. OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. **A problematização como possibilidade avaliativa**: Blumenau, Atas de Pesquisa em Educação - v. 9, n.3, p.662-680, set./dez. 2014.

KASTRUP, Virgínia. **Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre**. Educação & Sociedade: São Paulo, v.26, n.93, p.1273-1288, set-dez, 2005.

MENDES NETO, Antenor Ferreira. OLIVEIRA, Michelle Roxo de. **Possibilidades Criativas no Jornalismo: limites e brechas**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro - RJ – 4 a 7/9/2015